



## Editorial

O segundo número do primeiro volume da Revista Estudos Transviades reúne expressões de diversos autores sobre temas dos mais variados, desde poesia e ilustrações até artigos acadêmicos. Iniciamos a edição com o poeta Kaléu Menezes que, em “Século XXI”, faz uma crítica ao tempo presente em relação às violências direcionadas a corpos negros. Ele expressa que “não queria ser um alvo” e expõe o contraste em que “brancos acham legal ter fama de bandido/E pretos, morrem tentando provar não ser um”. Expandindo a discussão, Bernardo dos Santos versa, em “Fulano de Tal”, sobre um sujeito que “(...) crescia nas vielas da favela / Via a morte todo dia e tu queria mesmo que não deixasse nenhuma seqüela?”. Seu poema é forte e conta uma história de vida, mas atenta especialmente para as violências que perpassam corpos negros e periféricos.

Com fortes palavras e expressões, Caio Ciriaco Lima expressa seu descontentamento em relação a todo tipo de violência sofrida por pessoas trans, e finaliza com uma mensagem potente: “Mas eu sou forte e por todes nós eu irei resistir, minha mãe não me ensinou a desistir / O medo é grande, mas a força de lutar é maior que eu”. A partir dessa força, Gab pontes nos conta a história de Eduardo Rodrigues, um homem trans negro, de 46 anos e cearense, a partir de sua pesquisa de Mestrado “sobre o percurso de homens trans e transmasculinos e seus acessos à saúde no Ceará”. O texto é importante para que entendamos os processos de subjetivação comuns a vários homens trans, mas sempre particulares para cada um de nós.

Em “Demasiado Humano”, Theodoro Rodrigues Lima compartilha de suas memórias de vida para entendermos como “somos protagonistas da nossa identidade”, e que homens trans e pessoas transmasculinas devem buscar como exemplo masculinidades não-tóxicas, sem ódio ao feminino, não-cisnormativas. A seguir, temos duas artes de Caru Brandi, demonstrando corpos transmasculinos trocando afetos e existindo em sua diversidade. Em seu outro poema, “Consciência?”, Kaléu faz uma crítica mais específica à cisgeneridade e ao racismo, interseccionando gênero e raça. A seguir, Don Rafael escreve um poema sobre os processos de colonização e colonialidade, expondo a falsidade e a perversidade por trás do ‘descobrimento’ do Brasil, o genocídio da população indígena e a lógica colonial do século XXI.

Com isso, Tali Ifê, em “Caçador, Enfim”, expressa o desejo de se ver refletido em outros corpos, como um caçador de reflexos de si mesmo. Quando seus olhos ficam



famintos, o caçador desafia alternativas para se encontrar. Tali Ifé nos presenteia, ainda, com a performance “Quem abre caminhos, não me deixa andar sozinho. Laroyê”, homenagem a João W. Nery na In.corpo.rar: Exposição Viva (2018). Nas fotografias da performance, vemos Tali Ifé escrevendo por cima de fotografias largas de João Nery, e celebrando-o por sua importância e ancestralidade.

Calango nos escreve um conto envolvente chamado “Três Atos”, sobre a história de vida e de auto-percepção de uma pessoa que, aos poucos, se localiza em meio a um mundo binário. Seguindo com narrativas em tom pessoal, o poema de Petter Levi, “Alto Tom de Solidão”, se inicia com indagações de tristeza, solidão e vazio, remetendo-nos ao sofrimento resultante de uma conexão de afetos. Esse tipo de conexão é refletida, também, no “Projeto Bolha Transparente”, Nicholas Amon apresenta um ensaio fotográfico que procura tornar visíveis identidades trans ainda muito apagadas, como pessoas trans não hormonizadas, fora da estética da cisnorma e da performance heteronormativa. O ensaio possui como modelos Joana e Nicholas.

Em seu poema “Samsara”, Dioniso Ferreira nos descreve um momento de desidentificação e solidão. Já no poema “Entre a ponta e o calcanhar”, Tali Ifé escreve sobre os desafios de se aproximar da imagem do agressor, e sobre sua tentativa de se afastar disso. Thiago Peniche, no poema “Trem da morte”, narra como se deu sua demissão forçada do curso de inglês onde trabalhava, por transfobia. O autor reflete sobre o que na vida realmente importa, e sobre a violência que sofreu por ser um homem trans.

Apresentamos três ilustrações de Rafael Damasceno Aires, que expressam a solidão e angústia do autor. São ilustrações com traços fortes e trechos escritos, sobre sentimentos universais a qualquer pessoa, e não restritos às transmasculinidades. Cauê Assis, em seu poema “Incisão”, discorre sobre sua transformação de seu corpo em território, em “terreno transitório de disputa”. Já o texto enviado por Noah Nova discorre sobre relações gerais de pessoas com seus corpos, os desconfortos que sentimos sexualmente e visualmente ao nos percebermos. A mensagem que Noah procura passar é otimista e acolhedora: “Seja você, seja feliz. Com o corpo que tem agora ou o que sonha ter”.

Allan Reis, fotografado por Rai do Valle, exhibe as marcas de sua mastectomia. Abaixo das imagens está escrito, “cicatrices contam nossas histórias e podem significar liberdade”: significa não somente o desejo de alcançar um patamar estético. Em suas duas artes e seus dois poemas, Benjamin Aragão compartilha de suas angústias e de sua



relação com seu corpo, com a construção de sua identidade, de seu “corpo experimental”.

Nessa edição, Lui Foito expõe uma arte e um poema. O poema nos traz imagens gráficas sobre um corpo transmasculino, delimitando, ao final, o escape à cisgeneridade, e a arte que acompanha o poema possui equivalente força. O seguinte poema de Shay de los Santos Rodrigues, “Pensamentos de um transviado: se ele pensa, logo resiste”, descreve alguns pensamentos e dinâmicas de um transviado em busca de reconhecimento e compreensão acerca de seu corpo e de seu impacto na sociedade.

j i a l u p o m b o, em “nós, essas pessoas que se perguntam se são monstros”, questiona as potencialidades de seu corpo e da transgressão do binário se apoiando em trechos de uma obra de Clarice Lispector. Um de seus principais questionamentos ao longo do texto se refere à transformação da linguagem: “será que deslocar linguagem é o suficiente para deslocar corpo?”, e desafia, com isso, a “necessidade de nomear” que tanto atravessa as experiências transmasculinas. Em seguida, temos a série de quadrinhos de Lino Arruda, chamada “Seu Corpo é Mágico”. Os quadrinhos mostram a trajetória de uma pessoa transmasculina em meio a violências machistas e LGBTIfóbicas, desde xingamentos a agressões físicas, e retrata os significados que atribuímos ao corpo.

Após os quadrinhos, iniciamos nossa seção de artigos acadêmicos. O artigo de Oliver Olívia retrata a experimentação teatral de uma pessoa transmasculina não-binária construindo seu corpo não a partir de sua fala, mas da fala de outrem sobre si. Segundo Oliver, esta experiência “tem o intuito de refletir acerca das problemáticas que entram em jogo quando se tem em questão a presença de um corpo com um gênero desviante, que extrapola o escopo normativizado de percepção de gênero”, atravessando os efeitos desse corpo em outras narrativas.

Bruno Pfeil e Cello Latini, ambos coordenadores e co-fundadores da revista, escrevem sobre suas experiências enquanto homens trans no ambiente universitário, na produção de conhecimento e no apagamento de suas narrativas. A ideia de “ofensa da nomeação”, explorada pelos autores, destaca o caráter ofensivo e violento que a nomeação cisnormativa agrega em si.

Em “Ginecologia: um espaço clínico específico para mulheres (?) impasses e desafios para a saúde ginecológica dos homens trans”, Alexandre Gregório Silva Sampaio reflete sobre o direcionamento da ginecologia às mulheres cis, quando deveria se direcionar a todos os corpos que demandem os conhecimentos da área. O autor



disserta sobre o lugar das transmasculinidades na ginecologia, os desconfortos e inacessibilidades que pessoas transmasculinas atravessam nesse contexto.

Em seu artigo “Homens não nascem homens: tornam-se homens”, Shay de los Santos Rodrigues problematiza a ideia de “ser-homem” e os ideais de masculinidade preconizados por nossa cultura através de seu lugar social “visto como não sendo de homem e nem masculino”. Ele mostra que, apesar da sobreposição e dominação da masculinidade hegemônica, é possível construir novas masculinidades.

Em “Gênero em Termo Reais: revisitando Connel apoiado em epistemologias transmasculinas brasileiras”, Benjamin de Almeida Neves analisa a obra *Gênero em Termos Reais* (CONNEL, 2016) a partir de sua perspectiva transmasculina, apontando que hegemonizar perspectivas cisgêneras femininas não reflete a realidade e produz invisibilização.

Finalizamos essa edição com Thomas Terra, que nos apresenta sua arte: um pôster com uma fotografia editada de um rosto com barba esculpido de forma clássica. Em volta do rosto, há desenhos de signos da feminilidade. O desenho nos faz refletir sobre a maleabilidade da cisgeneridade, tão socialmente consolidada como uma escultura, mas tão editável quanto a arte apresentada pelo autor. Na parte final da revista, antes das bios dos autoras, elaboramos um Glossário com as palavras que consideramos complexas ou informativas no decorrer dos textos. Fizemos isso para tornar o conteúdo mais acessível a todos que lerem essa edição. Desejamos uma boa leitura!